

# ENSAIO FOTOGRÁFICO RESISTÊNCIA E LUTA: A MARCHA DAS MULHERES INDÍGENAS E DAS MARGARIDAS EM BRASÍLIA

## RESISTANCE AND STRUGGLE: THE MARCH OF INDIGENOUS WOMEN AND DAISIES IN BRASILIA

Eduardo Di Napoli (@eduardo.dinapoli)<sup>1</sup>

Em 2019, dois importantes movimentos convergiram na luta pelos direitos das mulheres e puseram-se em Marcha, como ato de resistência e luta, em Brasília.

Entre 09 e 14 de agosto, milhares de mulheres indígenas se mantiveram acampadas, em uma concentração que buscou alinhar as pautas já desenhadas desde 2016, quando houve no Acampamento Terra Livre a primeira plenária de mulheres indígenas, que apontava para o nascimento de um movimento mais autônomo, em que as perspectivas de gênero estivessem mais claramente presentes.

Os debates, oficinas e celebrações gravitaram em torno do tema “Território: nosso corpo, nosso espírito”. Nele, a floresta, concebida como extensão indissociável do corpo e do espírito dos povos que a habitam, é trazida para o centro do debate, que envolve desde denúncias do avanço do agronegócio e da mineração sobre as áreas de preservação, até explicações sobre as cosmologias indígenas, a sua ecologia de saberes e seus modos de conviver com a natureza.

Nas palavras de Telma Taurepang, atual coordenadora da União das Mulheres Indígenas da Amazônia Brasileira (UMIAB): “o foco, objetivo da marcha é dar visibilidade as ações das mulheres indígenas do Brasil, discutindo questões inerentes as suas realidades, reconhecendo esse protagonismo. E que a gente possa também dar às novas lideranças, a capacidade, a defesa e a garantia dos seus direitos humanos. A nossa resistência... ela sobrevive, porque estamos vivas, nós somos a resistência”.<sup>2</sup>

Essa mesma perspectiva sempre esteve presente na Marcha das Margaridas, um movimento de trabalhadoras rurais, realizado desde 2000, sempre no dia 12 de agosto, para relembrar a morte da trabalhadora rural e líder sindicalista Margarida Maria Alves, assassinada em 1983 quando lutava pelos direitos dos trabalhadores na Paraíba.

---

<sup>1</sup> Artista visual, ativista, videomaker, fotógrafo e designer gráfico, faz design ecológico, voltado para trabalhos sociais, educativos e sustentáveis. Colabora com grupos independentes, movimentos sociais e organizações da sociedade civil.

<sup>2</sup> <https://midianinja.org/news/as-mulheres-em-luta-as-principais-pautas-da-1a-marcha-das-mulheres-indigenas>.

Coordenada pela Confederação Nacional de Trabalhadores Rurais Agricultores e Agricultoras Familiares (CONTAG), a Marcha é um dos maiores movimentos desse tipo na América Latina. Ela mobiliza mulheres do Brasil todo por meio de 27 Federações e mais de 4 mil Sindicatos filiados e se viabiliza em parceria com os movimentos feministas e de mulheres trabalhadoras, centrais sindicais e organizações internacionais. As estimativas são de que, nesse ano, ela reuniu cerca de 100 mil margaridas, como se pode ver nas fotos, dispostas a colocar a público suas lutas e suas esperanças. O lema de 2019 foi: "Margaridas na Luta por um Brasil com Soberania Popular, Democracia, Justiça, Igualdade e Livre de Violência" e um repórter definiu o encontro como "um verdadeiro mosaico de forças populares" que revigora a esfera pública e a diversidade em um momento tão crítico da vida nacional.

O relato de uma participante ao jornal *Brasil de Fato* ajuda a entender a dimensão do evento. "Vinda do interior do Maranhão, Anecy viajou durante mais de dois dias, enfrentou problemas na estrada e o cansaço físico para participar do evento, que é um símbolo da luta popular no Brasil. Depois de décadas de trabalho na roça e na militância política, esta foi a primeira vez que a agricultora tem a oportunidade de conhecer a marcha. A ansiedade para chegar era tanta que não teve cansaço no mundo que fosse capaz de abalar a energia vibrante que a mobilizou para chegar até aqui: "Sempre quis vir e não dava certo. Nem sei se tenho uma palavra pra descrever [isso]. Quando você vê tantas mulheres assim, unidas, em busca de melhorias, de melhores políticas, chega a arrepiar. Eu venho pra participar, pra unir forças com as mulheres. Se perguntarem se eu estou cansada, não estou. Quando a gente vê isso daqui, cada conversa, a gente se arrepia. É lindo".

(O texto de apresentação foi redigido pelos editores da Wamon)





















**Recebido** em 07.10.2019

**Aprovado** em 13.12.2019